

# DECADÊNCIA

ANO 30 AK

*Nota: esta história se passa muitos anos antes de Kasdhan nascer (30 anos), quando Othan ainda é um filhote de 10 anos e Isauh um jovem de 15 anos.*

## I. Guerra

Ao final do reinado de Hugunto, rei dos senhores feudais lapuanos, uma grande disputa dividiu os nobres da região. Hugunto não tinha descendentes e haviam dúvidas sobre quem ficaria com a coroa do velho rei moribundo.

A preferência geral era sobre dois dos mais poderosos senhores. Não era possível ficar neutro naquela disputa. Quem apoiava um era declarado inimigo do outro e quem não apoiava nenhum, era considerado inimigo de ambos, uma posição perigosa.

Somente alguém muito néscio ou muito valente se atreveria a tanto. Mas poucos se surpreenderam quando o patriarca dos leões negros da época, Hoturantes escolheu não apoiar nenhum, pois considerava-os indignos e perigosos se postos em tão alta posição.

O resultado, claro, foi a perseguição por todos os lados. Hoturantes era orgulhoso e quando mais o cerco se fechava em torno de seus pequenos domínios, menos disposto ele se sentia a ceder. Foi acusado até de cobiçar a sucessão, já que tinha um parentesco distante com reis antigos.

Quando finalmente Hugunto morreu, e uma guerra se iniciou entre os dois senhores e seus aliados, Hoturantes ficou isolado politicamente e boicotado economicamente. Seus domínios passaram a ser frequentemente saqueados por ambos os lados. Se ousava defender-se, era tratado como inimigo e tinha seus felinos de armas perseguidos até a morte.

Suas terras encolheram, seus vassallos fugiram e suas riquezas foram roubadas. E Hoturantes foi obrigado a se refugiar na ilha de Gardo, sua melhor defensável propriedade.

Hoturantes e sua esposa Heleanora tinham cinco filhotes. Isauh, o albino, era o mais velho. Depois vinham as três filhotas Hetis, Heris e Hemila. Por fim, Othan, o caçula. Apesar da decadência, seus pais deram a melhor educação que puderam a seus herdeiros naquelas circunstâncias.

Tinham de confiar em mestres escravizados, sem escolha senão obedecer aos amos, desgraçados por seu próprio orgulho e teimosia.

Neste meio, cresceram os leões da estirpe da Pata, já então considerada condenada à extinção, visto que sem alianças e com tantos inimigos, dificilmente sobreviveria à morte de Hoturantes.

Durante dez anos aquela nobre família foi obrigada a viver com cada vez menos. Os escravos envelheciam e se esgotavam com o trabalho acumulado.

Os filhotes menores não questionavam, mas, o mais velho, Isauh, via claramente na soberba do pai a razão de todas as perdas.

Para seus quinze anos, Isauh era bastante maduro. Acompanhava sempre o pai nos poucos negócios que a família ainda travava com velhos conhecidos. Então, era natural que estivesse presente na derradeira disputa que dizimou o que restava de sua família.

## II. O pretendente

Era uma tarde fria e Hoturantes ajudava dois servos na reparação do telhado de um moinho fora do castelo, que havia desabado na última tempestade. No campo em frente, Isauh praticava esgrima com um mestre contratado por muito pouco, e por isso, muito pouco empenhado. Othan os assistia, para depois pra-

ticar sózinho em segredo, pois ainda não tinha permissão do pai para portar armas.

Um velho escravo da casa, mantido mais por caridade do que por utilidade, atravessou o campo e se aproximou ofegante de seu senhor, anunciando:

– Meu amo, desembarcaram em Gardo três fidalgos. São estrangeiros de nome impronunciável para este velho escravo. Estão com a senhora Heleanora no salão e aguardam sua presença.

Pensando consigo mesmo que apenas estrangeiros, alheios à guerra da Lápua os visitariam, Hoturantes desceu do telhado e tomou a direção do castelo.

Isauh, que havia ouvido tudo, interrompeu seu treino e correu até o pai, afobado.

– Quero ir consigo! – disse.

– Termine primeiro seus exercícios!

E, sem mais, Isauh voltou-se para o mestre, que o esperava, e atacou-o com exagerada violência, surpreendendo-o e fazendo-o cair de costas num charco. E enquanto o mestre se retorcia de dor na lama, incapaz de se erguer, o jovem leão branco insistiu:

– Pronto. Agora posso ir? Quero ver estes estrangeiros!

Dando os ombros, Hoturantes cedeu:

– Algo me diz que não terá nada a perder, mas que seja!

E, chegando ao salão, Hoturantes encontrou a esposa entretendo os visitantes com sua espantosa desvoltura. O empobrecimento não havia apagado seu brilho e ele tinha muita razão em se orgulhar dela.

Tratavam-se mesmo de estrangeiros de terras distantes e alheias às disputas lapuanas. Leões como os leões de Gardo, nobres como eles, embora de estirpe menos distinta. Como quaisquer leoninos, tinham dificuldade em encontrar leas para acasalar. Sabendo que havia uma família leonina na Lápua, ignoraram o estado de guerra da região e se arriscaram a procurar lá

uma consorte para o herdeiro da família.

Eram estes um jovem leão em seus dezoito anos e seus dois tios e tutores, acompanhados de apenas um criado e quatro marinheiros, que ficaram no barco. O jovem chamava-se Heitor e seus tios, Hoberon e Jodhorov, e seu clã era o da Ondalianaba.

Heitor acabava de completar a maioridade e seus tios, que já assumiam o papel de co-patriarcas desde a morte prematura do pai de Heitor, planejavam passar a chefia da família ao sobrinho assim que este estivesse casado, como convinha a um senhor das terras Ondianas.

Se perguntassem ao jovem, descobririam que ele bem gostaria de passar mais alguns anos na esbórnia, antes de se ver casado e com tantas responsabilidades a assumir. Mas eram muitas pressões e ele, enfim, ali estava, fazendo a sua parte. Que pelo menos lhe dessem uma leoa jovem, bonita e animada.

Heleanora, que já contava ver suas filhas ficarem solteiras por conta da maldição política de sua família, ficou contente que pelo menos uma delas tivesse chance, pois não havia porque não agradassem quem quer que fosse, porque eram todas bonitas e saudáveis.

Mas Hoturantes, desconfiado por natureza, achou que não deveria demonstrar tanta alegria. Dificultou o suficiente para aguçar o desejo daquela família de estrangeiros. Cobrou um preço alto por suas filhas de catorze, treze e doze anos e nem sequer permitiu que eles as vislumbrassem naquele primeiro dia.

Nem mesmo no segundo ou terceiro dia de negociações permitiu que as filhas fossem vistas. Achava que fazia bem em criar tal suspense. Chegou a divertir-se com a ansiedade criada tanto na família visitante quanto nas filhotas, já doidas para conhecer outros leões. As três haviam sido criadas para fortalecer a família através de possíveis alianças. Estavam prontas para obedecer ao pai se este quisesse casá-las com quem achasse melhor.

Agora sabendo que eram cobiçadas por um no-

bre leão estrangeiro, começaram a disputar entre si. Mal podiam esperar para serem apresentadas. Hoturantes se divertiu hospedando os visitantes numa ala distante, e apresentou as filhas somente uma semana depois, e então afastou-as novamente, enquanto renegociava com os tios dos jovem herdeiro.

Hoturantes jamais imaginaria o que estava começando. Inconformadas, as três jovens leoas apaixonaram-se furiosamente, ou assim julgaram. Conhecendo bem os caminhos secretos do castelo, foram, uma a uma, ter encontros secretos com o jovem pretendente em sua câmara, a altas horas da noite, quando todos estavam dormindo.

Em sua ânsia de serem escolhidas, fizeram de tudo para agradar o jovem leão, que, deliciado, ficou cada vez mais indeciso de qual escolher. Tudo isso sem que nenhum dos adultos soubessem.

Uma a uma, competiam com ousadias cada vez maiores, até que, finalmente, deixaram-se possuir.

O primeiro a desconfiar da situação foi Isauh. A atitude relaxada e confiante do jovem estrangeiro o intrigava e então decidiu vigiá-lo.

E naquela mesma noite, surpreendeu a irmã mais nova na cama de Heitor. Uma grande confusão se seguiu, todo o castelo acordou com os gritos de Hemila e encontrou Isauh e Heitor atacadados em luta desigual.

Separados pelos tios e por Hoturantes, os jovens tiveram de contar tudo e grande foi o desgosto deles. Hoturantes mandou Heleanora examinar as filhas e, ao descobrir que todas haviam sido defloradas, amaldiçoou o dia que aqueles estrangeiros aportaram em Gardo.

Consternados, os tios de Heitor fizeram a única proposta que poderia ser considerada honrosa: que Heitor casasse com as três irmãs.

Mas Hoturantes ficou furioso demais para aceitar qualquer negócio com aquela família. Preferia ver mortas suas filhas a unidas com leão tão indigno. Esbravejou, ameaçou e expulsou da ilha os leões ondinos,

não os deixando levar nenhuma de suas filhotas.

Não adiantaram as súplicas das filhas e nem mesmo da esposa.

– Marido, deixe-o levá-las, que o que está feito não pode ser desfeito e esta é a única solução! E se nascerem filhotes? – dizia ela.

– Se isso acontecer, espero que nasçam e mandos para o pai, com os pescoços partidos! – esbravejava fora de si o patriarca.

### III. Desgraça

Assim, só restou aos leões da Ondalianaba saírem de Gardo, enquanto as três filhotas choravam sob o cinturão do pai.

Julgando-se responsável por não ter tomado conta das irmãs e depois por tê-las denunciado, Isauh sentiu grande remorso ao ver o tamanho da fúria paterna e do castigo. Cobriu o rosto e fugiu arrependido para o outro lado da ilha para remoer sua culpa. Othan, que amava muito as irmãs, especialmente Hemila, tentou segurar o braço do pai, mas foi atirado longe, com ameaças terríveis. Impotente e magoado, ele foi atrás do irmão. Correu muito para alcançá-lo, caindo e se machucando várias vezes em pedras e espinheiros e perdendo-o de vista. Vagou muito pela ilha só vindo a encontrá-lo quando já anoitecia, numa das praias mais distantes.

Então, sem dizer nada, aproximou-se e sentou-se ao seu lado e, juntos, choraram mais um pouco pelas irmãs.

Estavam assim esmorecidos quando notaram que o barco de Heitor, que todos achavam já estar longe, estava atracado e muito camuflado pela vegetação, numa pequena enseada próxima a eles.

O fato era de que as três filhotas, muito feridas de corpo e alma, assim que deixadas pelo pai, também fugiram de casa. Furtivas e sem nada levar, foram



encontrar-se com seu amado, que as esperava naquele sítio.

Othan e Isauh viram, de longe, elas andando pela mata, e, depois de hesitar um pouco, se levantaram e foram até elas.

As jovens manquejavam e tinham vergões sangrentos em seus vestidos, as faces sujas riscadas de lágrimas e os olhos inchados de tristeza e raiva. Ficaram apavoradas ao ver os irmãos surgirem em seu caminho, mas o enfrentaram:

– Isauh, não tente nos impedir! – gritou Hetis.

– Só nos impedirá matando-nos! Tem coragem para isso? – desafiou Heris.

– Por favor, irmão, aqui não podemos mais ser felizes... – implorou Hemila.

Então, para o espanto de Isauh, Othan se juntou ao coro das irmãs:

– Deixa elas irem, irmão. Se papai as pega de novo, irá matá-las e eu não quero que elas morram. – e virando-se para Hemila, completou – Vou sentir muita saudade, mas ficarei bem se souber que vocês estão felizes.

Hemila então se abaixou e abraçou o irmão caçula, agradecida. Então, sem responder nada, Isauh baixou a cabeça e saiu do caminho das irmãs, deixando-as passar. Os dois viram então as três leozinhas desaparecerem na mata. Então Othan pegou Isauh pela mão e puxou-o até o alto de uma colina, de onde viram as irmãs subirem na galera e esta partir, silenciosamente.

Mas aquela fuga não ficou muito tempo em segredo. Heleanora sentiu falta de todos os seus filhotes e se preocupou. Hoturantes encilhou o único voador de Gardo e sobrevoou os arredores. Vendo a galera de Heitor ainda tão próxima do lado norte da ilha, foi atrás dele.

E viu as filhotas no barco. Pousou e foi direto para cima delas, com a espada em punho. Sem dar ouvidos aos seus apelos atacou as próprias filhas, ferindo-

as mortalmente e depois lutou com Heitor, seus tios e servos.

Muitíssimo transtornados ao verem as três jovens leas mortas pelo próprio pai, os três leões ondinos investiram com fúria contra o orgulhoso patriarca e o feriram de morte. Heitor, o que mais estava ressentido, tomou a espada de Hoturantes, que já não podia se defender.

– Erro por erro, o teu foi maior, pai orgulhoso e desnaturado! – gritou e atravessou no peito do patriarca a mesma espada que matara suas amadas.

Hoturantes ainda teria sido despedaçado, se não tivesse caído na água antes.

A galera foi embora da Lápua deixando um rastro de sangue e dor. Hoturantes ficou na água, mas logo foi recolhido por um servo seu, que o buscava usando o voador, que havia retornado sozinho para as cocheiras do castelo.

O pai chegou moribundo em casa e Heleanora se desesperou. Soube da morte das três filhas, e presenciou o marido dar seu último suspiro, tão enraivecido e amargurado que nem pediu para ver os filhos.

Filhos estes que, também desaparecidos, só fizera, aumentar sua aflição. Imaginou-os também mortos pelos leões ondinos. Enlouquecida de dor, a leoa tirou do corpo do marido a espada maldita para com ela dar cabo da própria vida.

#### IV. Sozinhos no mundo

Quando finalmente Isauh e Othan voltaram para casa, encontraram um cenário de terror. Dos poucos escravos que tinham, metade havia fugido e a outra metade chorava sobre os cadáveres de seus pais.

Que dor, que desespero, que culpa! Agora Isauh só tinha Othan e Othan só tinha Isauh. E ambos só tinham um castelo arruinado numa ilha isolada e apenas três servos velhos para ajudá-los.

Estes servos, teimosamente, não ousavam tocar nos corpos de seus amos mortos. Isauh os ameaçou, mas não adiantou. Então ele e Othan tiveram de cuidar sozinhos do sepultamento dos pais. Conseguiram despir, lavar e vestir o pai em suas melhores roupas antes de metê-lo na cripta da família. Lavaram também a espada que dizimara sua família e a sepultaram junto com ele.

Mas quando chegou a vez de fazer o mesmo com mãe, não conseguiram. Isauh adiou o quanto pode tal coisa e, quando o corpo já começava a se decompor, trancou-se na torre mais alta do castelo, sem conseguir dele se aproximar. Os servos nada faziam senão ficarem se lamentando e então, o pequeno Othan agiu. E o que ele fez, quase destruiu o que restava do castelo. Othan cercou o corpo da mãe de lenha e fez uma pira ali mesmo no salão, onde ela jazia. O fogo se alastrou pelos móveis e tapetes e houve um grande incêndio.


Expulso de sua torre pela fumaça, Isauh saiu do castelo arrastando Othan consigo, seguido pelos servos e, juntos, viram o incêndio consumir a maior parte dos bens que existiam ali.

Isauh teve de perdoar Othan, pois tinha apenas dez anos e fora o único com coragem para fazer algo, ainda que errado. Quando o incêndio se extinguiu, nenhum vestígio de tudo que estava no primeiro pavimento sobrava, nem dos objetos, nem da mãe.

Os servos limpavam as cinzas e a fuligem e eles voltaram a habitar o castelo.

Os irmãos nunca mais falaram de seus pais ou irmãs. Com o tempo, Othan acabou esquecendo tudo para se tornar a cada dia mais rebelde, nas mãos dos servos incapazes e do irmão cada vez mais distante.

Isauh, no início, ainda tentou continuar a educação do irmão mais novo, contratando, dois anos depois, outros mestres, um de armas e um de teorias. Mas Othan já estava tão selvagem que usou o que aprendeu com o mestre de armas para expulsar o outro mestre da ilha.



Para castigá-lo, Isauh tirou-lhe o as aulas de armas também, mas aí Othan já era exímio com o gládio e o arco, e continuou a praticar sozinho, saindo de Gardo para arranjar briga com outros jovens do continente.

Isauh, cada vez mais introspectivo, desinteressou-se de todas as coisas do mundo que, afinal, para ele, ruíra. Tinha ojeriza por política, não tolerava visitantes e não tinha paciência com o temperamento dinâmico do irmão. Deixou-o fazer o que bem entendia, desde que não o perturbasse.

E assim se passaram mais três anos. Os servos morreram de velhice e Othan, então adolescente impulsivo e violento, fugiu de vez, para se unir a um bando de mercenários, primeiro como escudeiro e depois como muito hábil guerreiro.

Enquanto Isauh levava sua vida reclusa, Othan viajou pelo mundo, apanhou e bateu muito, voltando para casa de tempos em tempos, apenas para se desentender com o irmão mais velho e ter de sair logo, antes que mais outra tragédia acontecesse.

Mesmo assim Othan às vezes sentia saudades de casa, e lá voltava com presentes, chegando até a levar para o irmão uma escrava formosa que foi a primeira companheira do leão branco, mas era impossível ficar mais de uma semana lá sem que perdessem a paciência um com o outro e terminassem engalfinhados.

E assim se foram muitos anos. As guerras lapuanas acabavam e recomeçavam sem tomar conhecimento da pequena ilha de Gardo. A família da Pata caiu no esquecimento e deixou de ter qualquer importância, sendo considerada, inclusive, uma estirpe extinta.

Décadas se passariam antes que aquela família tivesse a chance de reflorescer, mas disso, o conto não trata.

**Fim**